

ISSN XXX

**Anais do “I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO
OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES EM RONDÔNIA:
POPULAÇÕES E FRONTEIRAS”.**

Resumos expandidos (Vol. 2.)





MIMCAB



GRUPO DE PESQUISA
MIGRAÇÃO, MEMÓRIA E CULTURA
NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

**Anais do “I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO
OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES EM RONDÔNIA:
POPULAÇÕES E FRONTEIRAS”.**

ISSN XXXX

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES EM RONDÔNIA	PORTO VELHO	VOL. 1	p. 1- xxx	016
---	----------------	--------	--------------	-----

**Anais do “I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO OBSERVATÓRIO DAS
MIGRAÇÕES EM RONDÔNIA: POPULAÇÕES E FRONTEIRAS”.**

ISSN XXXX

Resumos expandidos (Vol. 2.)

Marília Lima Pimentel Cotinguiba
Geraldo Castro Cotinguiba
(organizadores)

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES EM RONDÔNIA	POR TO VELHO	OL. 1	V . 2- p xxx	016
---	-----------------	-------	--------------------	-----

**Anais do “I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO OBSERVATÓRIO DAS
MIGRAÇÕES EM RONDÔNIA: POPULAÇÕES E FRONTEIRAS”.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

REITOR: Ari Miguel Teixeira Ott

VICE-REITOR: Marcelo Vergotti

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Roziane da Silva Jordão

COMISSÃO DE EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Mestrando Tiago José Freitas Batista

Mestranda Roziane da Silva Jordão

Graduanda Maquézia S. F. dos Santos

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO –
BIBLIOTECA CENTRAL PROF. ROBERTO DUARTE PIRES -**

UNIR/CAMPUS PORTO VELHO



OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES EM RONDÔNIA: POPULAÇÕES E FRONTEIRAS”.

REALIZAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E APOIO:

Observatório das Migrações em Rondônia- Marília Lima Pimentel Cotinguiba e Geraldo Castro Cotinguiba;

MIMCAB- Grupo de estudos- Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira;

UNIR- Universidade Federal de Rondônia - Mestrado Acadêmico em Letras/

PROCEA, Pró-Reitoria de Cultura Extensão e Assuntos Estudantis/

DLV, Departamento de Línguas Vernáculas;

FAPERO- Fundação Rondônia de Amparo ao Desenvolvimento das ações científicas e Tecnológicas e à Pesquisa do Estado de Rondônia;

Observatório das Migrações em São Paulo-

Núcleo de Estudos de População Elza Berquó;

Unicamp- Universidade Estadual de Campinas;

UTFPR- Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

COMISSÃO ORGANIZADORA LOCAL

Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba
Me. Geraldo Castro Cotinguiba
Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral

COMISSÃO ORGANIZADORA ESTUDANTIL

Mestranda Andressa Priori
Mestranda Andréia Pinsan
Graduanda Carolina Lobo
Mestranda Cila Mariá F. F. De
Oliveira
Mestranda Cristiane Marina Teixeira
Girard
Graduando Eduardo Freire
Mestranda Elisangela de Lima
Eurico de Paulo
Mestrando Emmanuel Jadir C. S.
Silva
Mestranda Jória Batista de Souza
Lima

Graduando Maicon Gibson
Graduanda Maquezia Furtado
Mestranda Meire Jane Mendonça
Graduanda Pamella Melo
Mestranda Relenny Vilas Boas C.
Pereira
Mestranda Roziane da Silva Jordão
Mestranda Terezinha Andrade da
Costa
Mestrando Tiago José Freitas
Batista
Graduanda Victória Maria Pimentel
Neves Costa

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dr. Élcio Aloisio Fragoso
Dr. Fernando Simplício dos Santos
Ma. Geralda Iris de Oliveira
Me. Geraldo Castro Cotinguiba
Me. Lucas Martins Gama Khalil
Dr. Luís Eduardo Fiori
Dra. Márcia Maria de Oliveira
Dra. Maria de Fátima Castro de
Oliveira Molina

Dra. Maria de Lourdes Bernartt
Dra. Maria do Socorro Dias Loura
Jorrin
Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba
Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral
Dra. Natália Cristine Prado
Me. Pedro Ivo Andretta
Dra. Sonia Maria Gomes Sampaio
Dr. Vitor Cei

APRESENTAÇÃO

É com muita alegria que publicamos os trabalhos finais apresentados no **“I Seminário Internacional do Observatório das Migrações em Rondônia: populações e fronteiras”**, integrado ao **“I Colóquio de pós-graduação em Letras da Unir: interculturalidades, linguagem, literaturas e outros saberes”**.

Durante o evento houve o lançamento do observatório das migrações internas e internacionais no estado de Rondônia, com o intuito de estimular o intercâmbio e o diálogo com diferentes campos disciplinares de pesquisas acerca das migrações no Brasil, na Amazônia, especialmente em Rondônia, e resgatar a trajetória dessas migrações e suas implicações passadas e contemporâneas para a formação do social de Rondônia que compreende o período do início do século XX até o começo da segunda década do século XXI (1907-2016). O I Seminário proporcionou um ambiente de debate sobre os eixos propostos para o evento, permitindo a interação entre pesquisadores, atores sociais que trabalham com migrantes e a comunidade em geral que se interessa pelo tema. Além disso, em uma perspectiva interdisciplinar, possibilitou formar uma rede acadêmica de estudos migratórios em Rondônia, vinculada ao Observatório das Migrações em São Paulo do NEPO/UNICAMP, cuja expertise fortalecerá os estudos sobre migrações em Rondônia. Além disso, pesquisadores de diferentes áreas da UNIR integraram o projeto, principalmente do programa de Mestrado Acadêmico em Letras, bem como alunos da pós-graduação e da graduação do grupo de pesquisa Migrações, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira - MIMCAB.

O I Colóquio da Pós-graduação em Letras da UNIR, integrado ao I Seminário Internacional do Observatório das Migrações em Rondônia, teve como objetivo criar um espaço de discussão acadêmica sobre aspectos relacionados com estas três áreas: a linguagem, a literatura e os processos culturais. Por meio de conferências, mesas-redondas e comunicações, foram socializadas pesquisas e produções científicas na graduação e na pós-graduação, além de fomentar debates acerca dos desafios enfrentados pelos

Programas de Pós-Graduação na área de Letras da Unir, mestrado acadêmico em Letras e Mestrado Acadêmico em estudos Literários, que se encontram em fase de consolidação e buscam a excelência.

O evento contou com a participação efetiva dos membros do grupo de pesquisas **Migrações, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira- MIMCAB-** que tem por objetivo estudar os diferentes processos migratórios no contexto amazônico, dando ênfase nos fluxos que tiveram e têm o Estado de Rondônia como destino. Nesse sentido, o grupo desenvolve diferentes abordagens de acordo com as linhas de pesquisa relacionadas e de maneira multidisciplinar. As linhas de pesquisa do MIMCAB contemplam questões de linguagem e memória, com ênfase no aporte teórico da análise de discurso e no pós-colonialismo. Há outras abordagens, quais sejam, migração, história, gênero e cultura. A equipe do MIMCAB é constituída por professores, pesquisadores e estudantes da pós-graduação e da graduação em diferentes áreas do conhecimento da UNIR.

Esta revista eletrônica que apresentamos é composta por **xxxxx(quantidade)** artigos e **xxxxx(quantidade)** de resumos expandidos. Perfazendo um total geral de **xxxxx** trabalhos aprovados para publicação. Para uma primeira edição do evento, ressaltamos a expressiva soma de trabalhos e a relevância das temáticas do seminário para os grupos de pesquisas atuantes.

Os trabalhos que foram apresentados no “**I Seminário Internacional do Observatório das Migrações em Rondônia: populações e fronteiras**” estão inseridos nos seguintes eixos temáticos: 1. Migrações Internacionais no Brasil: cenários, tendências, características e especificidades; 2. Migrações internacionais na Amazônia: implicações linguísticas, gênero, redes familiares e direitos humanos; 3. Migração Internacional e Políticas Públicas: trabalho, justiça, saúde, educação e assistência social; 4. Migração, Integração e transformações das fronteiras geográficas na Amazônia; 5. Migrações, colonização e formação de Rondônia; 6. As novas territorializações dos povos indígenas nos contextos urbanos: deslocamentos compulsórios, conflitos e resistências socioculturais; 7. Migrações, tensões, resistências e conflitos socioambientais em Rondônia: camponeses, agronegócio, Zona Franca e grandes projetos; 8. Retorno, pendularidade, sazonalidade, circularidade e redes nos movimentos migratórios em Rondônia.

Já os trabalhos que foram apresentados no “**I Colóquio de pós-graduação em Letras da Unir: interculturalidades, linguagem, literaturas e outros saberes**” estão inseridos nos seguintes eixos temáticos: I. Pós-graduação em Letras e os desafios contemporâneos: produção científica e tecnológica interdisciplinar e interinstitucional: redes de cooperação/parcerias e internacionalização; II. Estudos pós-coloniais na Amazônia; III. Análise do discurso; IV. Pluralidade Cultural e linguagem; V. Linguística textual, Gêneros textuais e Letramentos; VI. Libras- Língua Brasileira de Sinais; VII. Ensino de língua materna e língua estrangeira; VIII. Teoria e análise linguística; IX. Teoria e análise literária; 1X. Linguística aplicada;

Assim, contamos com textos revisados por uma comissão científica designada para este fim e esperamos contribuir com esses artigos para o fortalecimento das pesquisas e discussões sobre temáticas correlatas aos estudos aqui elencados.

Equipe organizadora.

Sumário

Amazônia – grandes projetos hidrelétricos e a mobilidade compulsória	11
A FONÉTICA E A FONOLOGIA NO DISCURSO GRAMATICAL	16
Ideologia e Discurso nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa: Uma Reflexão a Partir das Concepções de Análise do Discurso.....	21
A ARQUEOLOGIA DO SABER DE MICHEL FOUCAULT	28
DAHOMÉY VODUN: HAITI. CULTURA, VODU E CARNAVAL	33
Migrantes Haitianos em Porto Velho: o desafio do ensino aprendizagem da Língua Portuguesa	39
O ENSINO DE PARÔNIMO E HOMÔNIMO POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA.....	45
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LÍNGUA MATERNA: POR UM ENSINO DE COMPETÊNCIA COMUNICATIVA.....	49
Além do quintal: Varal de Celso Braga	59

Estudos Migratórios: mobilidade humana nacional e internacional.

Amazônia – grandes projetos hidrelétricos e a mobilidade compulsória

Geraldo Castro Cotinguiba

Professor de Ciências Sociais da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e da União das Escolas Superiores de Rondônia – UNIRON. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – PGDRA/UNIR
g.cotinguiba@gmail.com

João Edson Leite Júnior

Graduado em Engenharia Elétrica pela Faculdade Anhanguera de Ribeirão Preto – SP
eng.leitejoao@gmail.com

Grupo de Trabalho 7: Migrações, tensões, resistências e conflitos socioambientais em Rondônia: camponeses, agronegócio, zona franca e grandes projetos

Resumo: O que chamamos de grandes projetos hidrelétricos são as usinas que estão sendo construídas na Amazônia brasileira e delas, duas estão situadas na calha do rio Madeira, na cidade de Porto Velho, no estado de Rondônia, na Amazônia ocidental brasileira. A construção desses grandes projetos de capital misto – privado e estatal – tem, dentre tantas consequências, a mobilidade compulsória de milhares de pessoas de suas terras onde viviam há décadas. O processo de mobilidade compulsória reflete diretamente no modo de vida das comunidades, alterando substancialmente seu modo de vida, sua cultura, sua relação identitária com a terra, os rios, a fauna e a flora. Nosso objetivo neste trabalho é realizar um levantamento dos estudos já realizados sobre o assunto e verificar como a mobilidade compulsória é abordada. Nossa metodologia é a pesquisa bibliográfica e os referenciais teóricos são os estudos que analisaremos. Por se tratar de um estudo ainda não finalizado, os resultados são parciais.

Palavras-chave: Amazônia. Grandes projetos hidrelétricos. Mobilidade compulsória.

Introdução

Explicar por que uma atividade funciona não é aprová-la nem desaprová-la (KUHN, 1979, p. 293).

A Amazônia é, na contemporaneidade, um dos lugares mais cobiçados do planeta. Suas riquezas naturais são cobiçadas e disputadas por diferentes agentes de diferentes nacionalidades com o objetivo comum de obterem o lucro. Explora-se madeira, ouro, essências, frutos e sementes, animais, a terra, os diversos tipos de minérios, os rios. Em meio à exploração dessas riquezas naturais encontram-se os povos indígenas e as populações denominadas ribeirinhas, as quais contam com tradições de mais de um século de permanência na região. O campo de força dessa luta é desigual e os empreendimentos capitalistas que assaltam diariamente a Amazônia é como um imenso trator sobre as populações que no interior das florestas ou às margens dos rios se encontram.

Neste trabalho, nosso objetivo é tecer uma reflexão sobre a relação que há entre a consecução de empreendimentos para exploração de energia elétrica na Amazônia e a migração forçada de pessoas na região. A metodologia aqui utilizada é um levantamento bibliográfico sobre esse processo, com foco sobre a construção das usinas de Jirau e Santo Antônio, ambas na calha do rio Madeira, no município de Porto Velho, estado de Rondônia, na Amazônia ocidental brasileira. Por ser um levantamento que se encontra em andamento¹, os resultados que apresentamos não são definitivos, mas parciais.

Os impactos causados pela construção de hidrelétricas já são bem conhecido na história brasileira, contudo, a cada década novas usinas são projetadas e construídas. Nesse movimento está inserida a Amazônia que, nos últimos anos se tornou o lugar por excelência para a construção de usinas hidrelétricas, especialmente devido ao seu imenso potencial hidráulico, como é o caso de três

¹ Ambos os autores são membros do Grupo de Pesquisa Migração, Memória e Cultura na Amazônia Brasileira – MIMCAB.

grandes projetos dessa natureza, quais sejam, as usinas de Jirau e Santo Antônio, ambas no rio Madeira, na cidade de Porto Velho, estado de Rondônia e Belo Monte, localizada na calha do rio Xingu, na cidade de Altamira, no estado do Pará. Afora os impactos ambientais sobre a fauna, a flora e o solo, outro dano é o que ocorre com as populações que são obrigadas a abandonarem suas casas e terras e se mudarem para outras regiões.

Dos materiais e métodos – Resultados parciais

Dos estudos que analisamos está presente o que estamos chamando de mobilidade compulsória, que é quando pessoas se veem coagidas física, simbólica ou economicamente a deixarem o lugar onde vivem para se instalarem em outro por um período ou definitivamente. No caso dos impactos causados pelas hidrelétricas do rio Madeira – Jirau e Santo Antônio – alguns estudos já foram realizados estudos sob diferentes abordagens. A Unir é uma instituição que congrega parte dos estudos e o que estamos em fase de levantamento são aqueles realizados por meio do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

No caso da migração compulsória pelo processo de instalação das usinas na calha do Rio Madeira o que se sabe é que há uma profunda alteração do modo de vida das populações adjacentes às margens do rio ou nas proximidades, como as diferentes comunidades. Os estudos apontam para alguns impactos que o processo de mudança de um lugar para outro. Dentre as características apontadas pelos estudos, classificamos e destacamos aquelas que consideramos mais fundamentais numa perspectiva sociológica e que confronta com o que podemos considerar como “discurso” desenvolvimentista para a Amazônia. Desenvolvimento para quem e a que custo?

FATORES DE IMPACTO COMO CONSEQUÊNCIA DA MOBILIDADE COMPULSÓRIA				
Alteração o cultural do modo de vida	Alteração da dinâmica do trabalho	Projetos de reassentamento	Indenização	Não adaptação ao novo lugar ou rejeição

Quadro 1: Fatores de impacto da mobilidade compulsória causada pelas usinas

Num estudo recente, orientado pelo professor Artur de Souza Moret (MORET *et. al.* 2015), chama atenção o fato de que os moradores que habitavam a região há décadas, na Vila Mutum, tiveram suas terras alagadas pela construção da Usina Santo Antônio e foram compulsoriamente transferidos para outro local, totalmente construído com suas ruas, casas, praças, mercados, igreja, unidade de saúde etc. Este lugar foi denominado Nova Mutum, que passou a servir, também, de moradia para trabalhadores de cargos de chefia da obra. Assim como há uma hierarquia clara nas relações de trabalho dentro de um canteiro de obras de uma usina, a Vila Nova Mutum também foi segmentada, com espaços para engenheiros, encarregados seus familiares e os moradores da antiga Vila Mutum.

Antes, os antigos moradores eram os estabelecidos e eis que as usinas foram licitadas e começadas a construir. No caso da Vila Nova Mutum, sua formação se deu por força da construção da Usina Jirau. O novo morador que chegou, o “de fora” passou a ocupar um lugar de centralidade na hierarquia social e os estabelecidos da antiga Vila Mutum se tornaram, com esse processo, os “de fora”, o estorvo, o incômodo.

Outro caso que está registrado é o da comunidade São Domingos que também sofreu mobilidade compulsória pela construção da Usina Santo Antônio (RIBEIRO, 2013). O estudo da pesquisadora foi com base no processo de mudança e instalação da comunidade em outra localidade, o que alterou substancialmente o modo de vida das pessoas. “Com a transferência da comunidade que tinha um modo singular de vida, ocorre também o rompimento da dinâmica comunitária que tinham coletivamente com o local, perda da identidade, de sua história e de sua cultura” (MARTINS, 2013, p. 34).

O que podemos perceber é que os impactos causados pelos grandes projetos hidrelétricos na Amazônia – especificamente em Rondônia, no nosso caso –, ainda têm desdobramentos que merecem ser discutidos e melhor compreendidos, de modo que as mobilidades compulsórias sejam trazidas para o contexto contemporâneo de que outras formas de migração estão em curso e pouca visibilidade tem recebido no contexto das migrações contemporâneas.

Referências bibliográficas

MORET, Artur de Souza; ANDRADE, Luana Cardoso de; RIBEIRO, Aurení Moraes. Os estabelecidos e os outsiders da Amazônia: uma reflexão sociológica acerca de um projeto de reassentamento em Rondônia, Brasil. In. **Revista Territórios & Fronteiras**. Cuiabá, vol. 8, n. 2, jul-dez. 2015.

KUHN, Thomas S. Reflexões sobre meus escritos. In. LAKATOS, Imre (*Et. al*). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**: quarto volumes das atas do Colóquio Internacional sobre Filosofia da Ciência realizado em Londres em 1965. Imre Lakatos & Alan Musgrave (Orgs.). Traduzido por Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1979.

RIBEIRO, Aurení Moraes. **Os atingidos pela UHE Santo Antônio em Porto Velho, RO**: análise da comunidade São Domingos. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Porto Velho, Universidade Federal de Rondônia, 2013.

Análise do discurso;

A FONÉTICA E A FONOLOGIA NO DISCURSO GRAMATICAL²

Élcio Aloisio Fragoso

Doutor em Linguística;

Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR;

elciofragoso@unir.br

Grupo de Trabalho: Análise do Discurso.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo explicitar – através de uma análise filiada à metodologia da pesquisa da história da ciência da linguagem – o discurso sobre a fonética e fonologia, cristalizado nas gramáticas produzidas para fins didáticos (escolares). Para isso, tomaremos como material, duas gramáticas da língua portuguesa³.

Palavras-chave: Fonética e Fonologia. Análise de Discurso. Linguística. História da Ciência da Linguagem.

² Trabalho submetido ao “I Colóquio de Pós-Graduação, em Letras da Unir: Interculturalidades, Linguagem, Literaturas e Outros Saberes”, a ser realizado nos dias 22, 23 e 24 de agosto de 2016, na Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

³ CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 31ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992.

Introdução

Pressupondo que para a elaboração de uma gramática, um modelo se faz necessário, visto que é um trabalho destinado para fins determinados, pontuamos aqui a urgência de enquadrá-lo numa noção de intertextualidade; estamos querendo dizer que um texto gramatical, no caso, uma gramática, dialoga com outro (s), não necessariamente, outro (s) da mesma ordem, ou seja, outra (s) gramática (s), mas com a teoria da qual ela derivou (nasceu), por exemplo. Esta intertextualidade se dá por meio de citações no corpo do texto, notas de rodapé, vocabulário, etc.

Gostaríamos de acrescentar ainda que, pressupondo a existência desse diálogo entre os textos, é, principalmente, para o fato da interpretação que volto a minha atenção neste estudo: as gramáticas que tomo para análise, considerando o capítulo que aborda a fonética e a fonologia, conforme já referido acima, carregam (trazem) a marca deste trabalho (necessário) de interpretação em relação ao texto “primeiro” do qual partem.

Procuraremos mostrar as condições de produção em que nasce uma certa gramática e como os seus objetivos, estabelecidos de acordo com filiações teóricas específicas, dirigem para uma certa leitura (sentido), ou seja, àquela em que ela é vista como um conjunto de regras a serem seguidas, conduzindo os alunos a falarem e a escreverem corretamente. Desse modo, outras leituras são apagadas, como por exemplo, a leitura crítica dos fatos - também levantados pelas gramáticas – mas que nelas aparecem apenas sob a forma de regra, normas.

Temos também o interesse em pensar o papel que cabe à fonética e à fonologia como uma das partes que compõe a língua, na perspectiva da gramática (no discurso gramatical). Dito de outra maneira, mostraremos como o discurso gramatical produz uma imagem da fonética e da fonologia.

Desse modo, podemos afirmar já de início que estas gramáticas (as que analisaremos) não são iguais, obviamente, no ponto em que nos interessa, mas

elas partem do mesmo lugar, aquele que conforma todas as gramáticas no interior de um mesmo modelo⁴.

Interessa-nos também inserir a escola (enquanto uma instituição que legitima o estudo/ensino gramatical) nessa nossa reflexão. Ou seja, a entenderemos aqui como uma instituição que detém um (o) conhecimento sistematizado e um (o) saber “verdadeiro” que somente através dela poderemos adquiri-los. Concebendo-a dessa maneira, diríamos que ela exerce um papel fundamental no que concerne ao ensino de alguma área de conhecimento (posto que a sua própria fundação justifica a sua finalidade) e vale ainda dizer que ela sustenta (e propaga) sempre uma linha, um discurso (ainda que atravessado por outros), pois o que é dito (ensinado) lá, ganha uma certa legitimidade, um efeito de “verdade”.

Por outro lado, é válido lembrar que, paralelamente a este discurso, a escola divulga outros, como por exemplo: ela prepara o cidadão para a vida, para o mercado de trabalho, etc.

Estamos dizendo isto para mostrar que o discurso da gramática está materialmente presente nas escolas, seja enquanto objeto de estudo que circula nas mãos de professores e alunos, seja na própria fala destes e daqueles que absorveram este discurso sem nenhum deslocamento, mas antes como uma regra natural.

Resultados

Esta análise, que nos propusemos realizar, mostrou-nos que o espaço ocupado pela fonética e fonologia no interior de uma gramática é preenchido por um conjunto de conhecimentos que se apresenta teorizado de modo específico para fins didáticos (para a seriação escolar).

⁴ Certamente, que sempre há objetivos estabelecidos, o que estamos colocando é que nos interessa mostrar como esses objetivos estão constituídos em certas condições que deixam de levar em conta outras maneiras de conceber a gramática na relação com o seu usuário.

Tradicionalmente, a parte de fonética e fonologia é a primeira (das partes do discurso) na maioria das gramáticas brasileiras e pudemos comprovar este fato nas duas gramáticas que estudamos.

O texto de fonética e fonologia das duas gramáticas que analisamos é elaborado/formulado através de conceitos, listas de palavras, quadros (recursos visuais), classificações, exemplos, etc. Entendemos que estes aspectos conferem ao texto uma fisionomia que o torna conhecido (familiar). Estamos falando da textualização do discurso gramatical.

Como se trata de um texto destinado ao ensino, sobretudo de ensino fundamental e médio (antigos 1º e 2º graus), a sua forma deve (ria) atender às expectativas dos alunos (que são definidas no momento mesmo da formulação deste texto), uma vez que as escolas adotam cegamente este material (no caso, não só o texto de fonética e fonologia, mas toda a gramática). Isto explicaria, para nós, a substituição de textos que analisariam o assunto (fonética e fonologia), mostrando a ilusão de um estudo acabado (trazendo, para isso, estudos de situações reais da fala e não apenas exemplos que servem mais para confirmar os conceitos teóricos que funcionam, no discurso gramatical, como definitivos, em relação ao fato de linguagem levantado), por textos (estamos agora falando daqueles que estão presentes nas gramáticas) que aparecem com conceitos já prontos, classificações definitivas, etc., enfim como se as questões a respeito de fonética e fonologia já estivessem todas resolvidas (solucionadas).

E as escolas, adotando esta última perspectiva, reduzem o conhecimento a este discurso estabilizado que é o gramatical, em seu imaginário.

Referências

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

CAGLIARI, Luiz C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. In: **Cadernos de estudos linguísticos**, (23): 137-151, Jul/Dez. 1992, Campinas.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

GALLO, Solange L. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1992.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni P. “O Estado, a gramática, a autoria”. In: **Relatos nº 4**, junho – 1997, DL – IEL – UNICAMP, Campinas.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso – princípios e procedimentos**. Campinas, Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

Ideologia e Discurso nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa: Uma Reflexão a Partir das Concepções de Análise do Discurso

Solimária Pereira Lima

Mestranda em Letras; Universidade Federal de Rondônia

solimaria_lima@hotmail.com

Janaina Kelly Leite Chaves

Especialista; Universidade Federal de Rondônia

janaina.chaves@ifro.edu.br

Élcio Aloísio Fragoso

Doutor em Linguística; Universidade Federal de Rondônia

elciofragoso@unir.br

Marília Lima Pimentel

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa; Universidade Federal de Rondônia

mpimentel9@gmail.com

Grupo de Trabalho: Análise do Discurso

Resumo: Neste trabalho busca-se a reflexão sobre o livro didático; discutindo à luz da análise do discurso sobre que ideologias o permeiam. O objeto de análise foi o Guia de Livro Didático do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) 2014, elaborado pelo Ministério da Educação, que apresenta várias coleções como indicadas para uso por professores do Ensino Fundamental, anos finais. O estudo baseou-se em teóricos como Pêcheux (1995), Foucault (2008), Orlandi (2013), Brandão (2004), sob campo de atuação da Análise de Discurso. Observa-se que o Guia tem como ideologia principal a influência jurídica,

pedagógica e técnica dos órgãos elaboradores e fomentadores dos Livros Didáticos no país.

Palavras-chave: Livro Didático. Ideologia. Discurso. Análise de Discurso.

Introdução

Desde os primórdios da história do Brasil observa-se a existência dos mais diversos materiais didáticos e seus métodos específicos delineando o papel do professor e aluno durante processo de aprendizagem. Sabe-se que, mesmo diante das transformações metodológicas implantadas a partir dos avanços tecnológicos, vivenciados na atualidade, o livro escolar continua a ser o material didático mais utilizado nas salas de aula do Brasil. Diante de tal importância, indaga-se como se deu a construção desse livro e que discursos o permeiam? De que forma ele (o Livro) é influenciado pela ideologia ou formações discursivas da sociedade. Acreditamos que o suporte da análise do discurso poderá nos ajudar a elucidar.

A Análise de Discurso (AD) de linha francesa surge com o objetivo da reflexão “sobre o texto e sobre a história”, afirma Brandão (2004, p. 16). Nasceu com uma base interdisciplinar que “propiciou, em torno de uma reflexão sobre a “escritura”, uma articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise”. Buscando uma articulação entre o linguístico e o social a Análise de Discurso tem seu campo de atuação ampliado. “Dessa forma, a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência socioideológica”. (BRANDÃO, 2004, p. 16).

A partir desses entendimentos, temos dois conceitos fundamentais para a Análise de Discurso: o de ideologia e o de discurso. Tratando de ideologia, a AD irá buscar os conceitos de Althusser, que elabora o conceito aparelhos ideológicos de Estado e tratando de discurso a AD irá se basear em Foucault, que origina o termo Formação Discursiva em seus estudos. (BRANDÃO, 2004).

Em Orlandi (2013, p. 48) observamos que a Análise do Discurso, trata a ideologia como "efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido". Afirma a autora que "é também a ideologia que faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito". Os sujeitos estão sendo influenciados pela ideologia, e é essa ideologia que os constitui enquanto tal.

Althusser, já mencionado acima, afirma que "para manter sua dominação a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração". (BRANDÃO, 2004, p. 23).

Para Foucault, o discurso é considerado como o conjunto de enunciados que remetem a uma mesma formação discursiva. Aprofundando a abordagem sobre o enunciado o autor enumera quatro características constitutivas do enunciado.

A primeira trata do enunciado "com o seu correlato que ele chama de referencial". O referencial segundo Foucault "é a condição de possibilidade do aparecimento, diferenciação e desaparecimento dos objetos e relações que são designadas pela frase". (BRANDÃO, 2004, p. 33).

A segunda característica diz respeito "à relação do enunciado com o sujeito". Foucault citado por Brandão (2004, p. 35) afirma que o discurso é visto com "um campo de regularidades, em que diversas posições de subjetividade podem manifestar-se, redimensionando o papel do sujeito no processo de organização da linguagem". O sujeito passa a ser regulado a partir das dimensões do discurso.

A terceira característica do enunciado trata da "existência de um domínio, ou seja, um "campo adjacente" ou "espaço colateral", associado ao enunciado integrando-o ao conjunto de enunciados", pois considera-se que não existe um enunciado isolado, Foucault afirma que todo enunciado se encontra assim especificado: não existe enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas, sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, apoiando-se neles e se

distinguindo deles: ele se integra sempre em um jogo enunciativo. (BRANDÃO, 2004, p. 36).

A quarta característica apresentada por Foucault é a que constitui o enunciado e o "faz emergir como objeto", trata-se da "condição material". Buscando fazer a diferenciação entre enunciado e enunciação o autor acima afirma que o enunciado "se dá toda vez que alguém emite um conjunto de signos; enquanto a enunciação se marca pela singularidade, pois jamais se repete", os enunciados são singularizados em razão das diferentes funções enunciativas.

O Guia de Livros Didáticos é um documento elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) após análises e aprovação dos Livros Didáticos a serem utilizados nas redes públicas de todo o país. O Guia é encaminhado às escolas com o objetivo de auxiliar o corpo pedagógico na escolha do livro, que entre outros parâmetros, deverá basear-se em seu projeto político pedagógico.

Falando sobre as ideologias presentes na escolha do Livro Didático Batista e Costa Val (2004) citados por Buzen (2005, p. 102) esclarecem que "embora durante muito tempo os processos de construção curricular tenham sido tornados como neutros e desinteressados, hoje, entende-se que eles resultam sempre, de relações de luta e de força", com isso observa-se a ideologia operando por meio dos conteúdos didáticos. Os citados autores afirmam que das relações de luta e força "entre diferentes grupos e agentes sociais para a definição dos conteúdos legítimos de ensino e de formas de ensiná-los" observa-se os elementos de dominação que definem a escolha e de um conteúdo e não outro.

Essa relação de poder manifesta-se também "em relação à transposição didática, quer dizer, ao modo pelo qual eles podem se tornar 'efetivamente transmissíveis, efetivamente assimiláveis para as jovens gerações'", Batista e Costa Val (2004) citados por Buzen (2005, p. 102).

Durante toda a evolução da história do Livro Didático observa-se que houve um documento norteador da escolha e da forma como esse processo se deu. A instituição do Programa Nacional do Livro Didático e suas posteriores formações foram regidas por legislações específicas e em cada época possuiu

um enfoque diferenciado de acordo com o momento histórico, que determinou o discurso dominante à época e a forma como esses critérios foram tratados ao longo da história.

Materiais e Métodos

O objeto de análise tomado foi o Guia de Livro Didático do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) 2014. Procedimento técnico foi a pesquisa bibliográfica do campo de atuação da Análise de Discurso Francesa.

Resultados

Conforme apresentado ao longo do trabalho as Ideologias e Discursos estão presentes no Guia do Livro Didático PNLD 2014, e cada vez que se apresenta um discurso é necessário observar o contexto em que ele surgiu, como ele é influenciado e que discursos o permeiam.

Trazendo um esclarecimento sobre a linguagem verbal, mais especificamente sobre o livro Bakhtin (1929, p. 118) afirma que

O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sobre a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre os trabalhos posteriores, etc.). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.

De acordo com o autor o livro é muito mais que um simples papel, ele reproduz um ato de fala, de comunicação. A comunicação do livro se dá através de seus discursos presentes em seu bojo, considerando que ele não é isento de

influências. O autor afirma assim que o livro também é um ato de fala que comunica, apresenta uma ideia e principalmente influencia os que venham a ter contato com ele, pois uma de suas funções é intervir na sociedade por meio de seu discurso dominante. Em razão de tudo isso, é preciso que todos os que venham a ter contato com os livros propostos não o aceitem como uma verdade pronta e acabada, mas que busquem compreender as ideologias e discursos que o permeiam e com isso criticar e agir de forma ponderada, não apenas recebendo-o como uma verdade.

Considerações

Pode-se propor que o Guia de Livro Didático do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) 2014, submeteu-se ao que era previsto, isto é, coadunou-se com diretrizes ou até mesmo uma formação discursiva aceitável no que se refere a política educacional do “imaginário oficial”. As pistas do discurso presente no guia levam a vislumbrarmos que os discursos não estão isolados, todavia dentro de um conjunto maior de discursos benquistos socialmente.

Referências

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Guia de livros didáticos: PNLD 2014: língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013. 120 p.

ORLANDI. Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 11. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. tradução Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio; tradução Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

A ARQUEOLOGIA DO SABER DE MICHEL FOUCAULT

Elizete Ramos

Mestranda; Universidade Federal de Rondônia;
zetebravo@hotmail.com

Rélenny Vilas Bôas Cerqueira Pereira

Mestranda; Universidade Federal de Rondônia;
relenny1@gmail.com

Bruna Camila Leôncio de Jesus

Mestranda; Universidade Federal de Rondônia
camila_jambo1@hotmail.com

Trabalho submetido ao “I Colóquio de Pós-Graduação em Letras da Unir: Interculturalidades, Linguagem, Literaturas e Outros Saberes” a ser realizado nos dias 22 a 24 de agosto de 2016 na Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar um resumo e uma breve reflexão a respeito da obra “A Arqueologia do Saber”, de Michel Foucault, cuja temática é uma análise crítica sobre o discurso e suas relações enunciativas. Sintetizamos o escopo da obra e abordamos alguns conceitos relevantes com os seus pontos decisivos, buscamos exemplificar no plano concreto os conceitos do filósofo Michel Foucault.

Palavras-chave: Análise do discurso. Michel Foucault. Arqueologia do saber

Introdução

A obra Arqueologia do Saber, cuja primeira edição foi 1969, tornou-se um marco na bibliografia do filósofo Michel Foucault, o qual sempre questionou as

instituições sociais, primordialmente a psiquiatria e a medicina, e inaugurou uma nova dinâmica do pensamento filosófico ao centrar seus estudos na vida e nos processos de subjetivação.

Foucault almejava entender a história da loucura naquilo que se percebia e se imaginava como normalidade ou anormalidade, e não uma história das práticas e teorias ou discursos da psiquiatria. É justamente essa preocupação com o discurso e aquilo que o forma ou a estrutura que Foucault vai sistematizar ou abordar de forma mais especial enquanto análise na obra *A Arqueologia do Saber*, e que de aspecto e método utilizou como “metodologia”, se é que podemos utilizar esta expressão, em suas obras anteriores e posteriores.

Nesse livro, tanto quanto os outros livros, ele desenvolveu artifícios arqueológicos e genealógicos que enfatizavam os jogos de poder na evolução do discurso na sociedade. E é exatamente no capítulo introdutório, de *A Arqueologia do Saber*, que Foucault propõe um auxílio a chegar numa conclusão dentro de sua análise do discurso e das relações enunciativas. Além disso, problematiza a questão da descontinuidade da história, seus condicionamentos e caráter de ruptura:

[...] a história de um conceito não é, de forma alguma, a de seu refinamento progressivo, de sua racionalidade continuamente crescente, de seu gradiente de abstração, mas a de seus diversos campos de constituição de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída sua elaboração. (FOUCAULT, 2012, p.5).

Materiais e Métodos

A Arqueologia como ferramenta de dissecação, diagnóstico de relações, de tempo, de condições, etc. desponta como instrumentos adequados, enquanto arqueologia do saber para analisar rupturas e tempos breves da história, e assim perceber o que se chama a medicina, a economia, ou a biologia, etc. em determinada época. Como disse Batista Mondim, Foucault aprendeu que “o que o homem vê e descobre depende de um campo determinado que a sua problemática do momento lhe impede de ver” (MONDIM, 2008, p.259). Foucault arrasta a análise histórica do documento, para uma análise do documento. Para

Foucault não é o documento que é conhecimento, e sim aquilo que o compõe, portanto Foucault prefere falar dos monumentos (FOUCAULT, 2012, p.8).

Na análise do discurso dissecam-se o próprio discurso. Esses serão analisados como práticas que correspondem às normas, que possuem sua própria especificidade, facilmente um sentido do próprio discurso e suas analogias internas. Portanto, Arqueologia do Saber é um “estudo sistemático da linguagem segundo critérios estruturalistas” (MONDIM, 2008, p.260). Mas o foco de Michel Foucault são os enunciados. O enunciado não é puramente uma hipótese ou citação embora apareça neste contorno. O enunciado é parte da estrutura do discurso. Ou seja, o enunciado não é unidade isolada no discurso, mas é algo que se diz dentro de um condicionamento seja de tempo (época) ou espaço (lugar) que não se poderia dizer de outro jeito. O enunciado tem “seu modo de ser singular (nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material).” Ou seja, diferente de Saussure, Foucault vai além dos condicionamentos dos signos.

Um exemplo dado dentro da linguística é o nome de uma pessoa, sem que haja a pessoa, ainda que circular, nada significa. Entretanto quando se analisa o nome e a afinidade com o proprietário do nome, sua história, sua língua, o porquê de que o nome foi dado, temos um enunciado. Mas não é o sujeito que determina o enunciado, e sim as suas relações.

Para Foucault (2012, p.110) o enunciado:

Está antes ligado a um ‘referencial’ que não é constituído de ‘coisas’, de ‘fatos’, de ‘realidades’, ou de ‘seres’, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas.

O que juntam os enunciados em um inusitado princípio ou poderíamos dizer numa estrutura, é o que Foucault chama de arquivo. Ou seja, “não é o mundo das coisas e nem o sujeito pensante, o eu” (MONDIM, 2008, p.264), mas sim o arquivo que “é antes de tudo a lei do que pode ser dito, a norma que governa o advento dos enunciados como casos singulares”. A Arqueologia do Saber versará em analisar e impetrar por meio da apreciação o arquivo.

Não podemos embarçar-nos com a busca de um significado oculto de um texto ou de um discurso. Também não com a comparação ou espiritualização de escritos, como fazem alguns intérpretes bíblicos. Basicamente, é entender do

discurso, “qual é a existência singular que vem à luz no que se diz, e não em outra coisa?” (MONDIM, 2008, p.262).

O que é encantador na análise de Foucault, é o que se refere ao enunciado e seu arquivo, a ação da materialidade desempenhada nele. Ele diz que “o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade.” (FOUCAULT, 2012, p.123).

4. Considerações Finais

Foucault leva-nos a envolver os condicionantes das ciências humanas dentro da análise do discurso. O discurso do sujeito humano é condicionado, porque o homem é dependente. Portanto, essa visão não é uma fissura e nem pode erigir de fato a sua própria história. O que arquiteta no máximo são rupturas, e mesmo essas rupturas estão presas a armações discursivas. Esta positividade, que não se embaraça com a ciência (mas que pode englobá-la), Foucault chama de saber. Não preocupa a esta análise em que o conhecimento deveria chegar, ou de onde partiu; interessa a sua produção histórica e concreta.

Não existe, segundo o pensamento estruturalista, a livre-arbítrio humano. O sujeito não influencia, mas é influenciado e dependente do discurso só consegue responder dentro dessa cávea. O existencialismo diz que nossa edificação social se dá por nossa existência que antecipando assim a nosso interior, é aí que consistem em nossas escolhas. Mas para o estruturalismo não há escolhas, nós nos movemos dentro de regras rigorosas do discurso, da língua. O estruturalismo semelha nos colocar presos, limitados a uma obediência. Improvisando uma analogia às políticas econômicas neoliberais, que transformam os direitos em produtos com a privatização da educação, da saúde, etc, averiguamos, que na atualidade, um aprisionamento estrutural, em que o sujeito passa a ser responsabilizado para adquirir comprar seus direitos sob o discurso do mérito como a razão principal para se atingir posições de topo, correr atrás, responsabilizar-se por sua educação e profissionalização.

No discurso percebe-se que há algo que se resume em dar poder à uma comunidade, fazer com que tudo seja mais democrático, que a população em

geral tenha poder de opinião e decisão e formar grandes alianças, as quais transformam tudo em produto a ser comercializado e assim acumulam lucros. Também enfraquecem o Estado pelo desregulamento do mercado e privatização de todas as instâncias de direito e neste contexto esconde-se o discurso do desenvolvimento

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 8 ed., 2012.

MONDIM, Batista. **Curso de Filosofia**, vol. 3. São Paulo: Paulus, 10ª ed., 2003.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**, vol. 7: De Freud à atualidade. São Paulo: Paulus, 3ª ed., 2011.

Pluralidade Cultural e linguagem;

DAHOMEY VODUN: HAITI. CULTURA, VODU E CARNAVAL

Carolina Lobo Aguiar

Graduanda em Letras – Universidade Federal de Rondônia;

carollobo45@gmail.com

Tiago José Freitas Batista

Mestrando em Letras – Universidade Federal de Rondônia

tiagofreitas.professor@gmail.com

Grupo de Trabalho: Pluralidade Cultural

Resumo: Apresentaremos reflexões de como o carnaval haitiano e o vodu se constituem como elementos nacionais e culturais do Haiti. Nossa intenção é mostrar como a tragédia ocorrida no arquipélago das Antilhas não diminui em nada a riqueza dos traços culturais haitianos.

Palavras-chave: Haiti. Pluralidade Cultural. Vodou. Carnaval.

Introdução

A República do Haiti é um país do Caribe, no arquipélago das grandes Antilhas. Tornou-se uma nação independente, como resultado de uma revolta de escravos. É um país do Caribe, o primeiro Estado a declarar livres os seus cidadãos no continente americano e, ao mesmo tempo, a primeira república negra da história da humanidade.

Em janeiro de 2010, um terremoto casou danos incalculáveis ao país, principalmente na região próxima à capital, Porto Príncipe e cerca de três milhões de pessoas foram direta e indiretamente atingidas. Moradias, órgãos públicos, hospitais, supermercados, farmácias e demais prédios que subsidiam a vida humana, foram derrubados com o forte tremor.

Segundo as Nações Unidas, o Haiti é um país subdesenvolvido, de economia vulnerável, o que deve ser tomado com ressalva, dadas as proporções das informações e, ao mesmo tempo, atentar para um olhar crítico de que o Haiti não é, necessariamente, um país pobre, mas um país empobrecido ao longo do seu processo histórico (COTINGUIBA & PIMENTEL, 2014).

Para além da dor, o que iremos problematizar nesse trabalho é como a cultura haitiana se instrumentaliza como agente de “reintegração” do país? Também queremos apontar como o vodu e o carnaval colaboram para a riqueza cultural caribenha do Haiti?

Os traços culturais caribenhos do Haiti é um dos aspectos de sua história que a devastação natural não conseguiu apagar. Segundo Nélío Joseph, seja na música, na pintura, no artesanato, na literatura, a cultura, como afirma o mais lido escritor haitiano Gary Victor, é o único ambiente em que o Haiti é competitivo no plano internacional:

Além do seu passado político glorioso de primeira república negra do mundo, que derrotou o forte exército francês de Napoleão Bonaparte para conquistar a preço de muito sangue, sua independência, em 1º de janeiro de 1804, a cultura é um espaço privilegiado que a foz a força do Haiti e é um dos poucos setores que ainda atrai o olhar positivo da comunidade estrangeira.(p.136 2013)

O carnaval haitiano é uma festa em escala nacional, chegou ao país durante a colonização, através dos escravos. O antropólogo Jean Coulanges

(2013) diz que foi transformado e “crioulizado”. A festa é consolidada pela tradição dos cantos, danças, fantasias e desfiles de bandas. A máscara é uma linguagem, um signo semiótico, que carrega a realidade sociocultural e dão uma ideia do Estado da política haitiana, do Estado dos relatos sociais:

O carnaval é uma encenação de diversas expressões tradicionais haitianas: a música, a dança, o artesanato, etc. A música tem um papel importante na vida dos haitianos. Serve para exprimir sua vivacidade, sua alegria, sua pena, sua miséria, sua angústia existencial, sua visão de mundo. (TEIXEIRA, 2013).

O Carnaval Haitiano na cidade de Jacmel está amplamente ligado a máscaras que retratam o vodu. Falar em Vodou é tratar de uma incrível fonte de riqueza e diversidade da cultura haitiana. Visto como uma grande tradição cultural, o Vodou possui uma grande importância na vida da população haitiana como cultura e religião, sendo classificado como a relação em que o praticante voduísta estabelece com seu Deus, relação essa na qual se reconhece toda a potência e a quem, ou seja, a qual Deus decide submeter-se.

O contexto histórico que envolve a prática voduísta é marcado por questões políticas, violentas e discriminatórias diante dos governantes pós-independência e pelo alto escalão do Catolicismo, onde o nível de hostilidade chegou a fazê-los criar uma espécie de campanha contra o Vodou e seus praticantes, chamando-os de “rejeitados”.

O Vodou foi reconhecido oficialmente pelo decreto de 4 de abril de 2004 e sua prática resume-se em tentativas de oferecer respostas a questões complexas como a origem da vida, o sentido do sofrimento e a vida após a morte. Mas isso não quer dizer que a prática voduísta não possua seus exageros, como em todas as religiões, o Vodou possui suas excentricidades, entretanto não faz parte de sua essência.

Ainda que o Vodou possa ter uma enorme influência cultural, é imprescindível não relatar que o Vodou já não é tão respeitado de acordo com sua popularidade, mas mesmo relacionado a intolerância e superstição, cerca de 70% da população continua colocando em prática essa tradição, mesmo que de

forma sigilosa ou conjunta à outras religiões, resiste bravamente em todos os lugares do Haiti.

O Vodou também está presente na literatura haitiana, como no livro do grande romancista haitiano Dany Laferrière, intitulado País sem Chapéu, onde o autor realiza um registro autobiográfico de sua volta ao seu país de origem. A obra narra o verdadeiro Haiti com todas suas privações e belezas. O livro se divide em duas partes: país real e país sonhado, onde no país real ele descreve todas suas ações e relatos desde sua chegada ao Haiti; no país sonhado o relato é constante, onde é possível observar a presença ativa do Vodou em várias passagens da obra.

Os cultos do vodou no Haiti são realizados em regiões das comunidades rurais o que segundo Nélío Joseph:

Os cultos são praticados nos tempos vodus e nas áreas comuns das comunidades rurais. É um lugar de encontro, proximidade de membros de uma mesma família para oferecer cultos religiosos. É também um lugar de comunicação fraterna. (p. 138, 2013).

Depreendemos que o vodou, jamais fora aceito pela “alta” sociedade haitiana. O antropólogo haitiano Leannec Hurbon o define “com a coerência de uma religião, de uma cultura própria a um povo consciente de dividir uma mesma história”. Ainda segundo Joseph, o vodou é “um lugar de refúgio de uma boa parte da população saída notadamente das classes desfavorecidas das zonas rurais, o vodou jamais foi respeitado à altura de sua popularidade. Bombardeado pelos governantes que se sucederam após a independência e pelo clero católico”.

Os locais em que se pratica o vodou no Haiti são praticamente isolados e de difícil acesso, a esse fator ainda podemos responsabilizar o preconceito e a intolerância religiosa.

Justamente para contrapor essa versão é que o vodou é incorporado no carnaval da cidade de Jaqmél. Com os elementos do carnaval haitiano e do vodou a pesquisadora britânica Leah Gordon lançou em 2013 uma coletânea etnofotográfica sobre africanidades, mitologia, religiosidade, sátira política e demais críticas sociais em que os haitianos mascarados com elementos

voduistas vão para as ruas “protestar” livremente. O livro carnaval, política e revolução pelas ruas do Haiti, é todo em preto e branco e documenta a festa em Jacmel por fotografia.

De todas as fontes iconográficas, a fotografia merece uma atenção especial. Com seu advento, na primeira metade do século passado, o mundo das imagens pôde ser registrado e reproduzido com precisão e verossimilhança até então impensáveis. Era como, afirma Oliveira (1997) se a própria luz escrevesse sobre a superfície (BAPTISTA, 1983)

Finalizamos exaltando os elementos e traços culturais haitianos representados pelo vodu e pelo carnaval, como fontes inesgotáveis da liberdade e clamor pela tolerância religiosa e principalmente como patrimônio cultural do país.

Figura 1 – Kanaval. Vodu



Fonte: <http://www.leahgordon.co.uk/files/gimms/>

Livro: O livro carnaval, política e revolução pelas ruas do Haiti

Referências

BAPTISTA, J. C. Silva, Rosália Maria Netto: **O que é semiótica**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marília L; **Wout, raketè, fwontyè. anpil mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil**. Revista Universitas Relações Internacionais. Brasília Uniceub, 2014. p. 73-86.

GORDON, Leah. **Kanaval: Vodou, Politics and Revolution on the Streets of Haiti**, Soul Jazz, 2013.

TEIXEIRA, Benedito. **Haiti por si. A reconquista da independência roubada**. A cultura como vitrine, Fortaleza, 2013.

Ensino de língua materna e língua estrangeira;

Migrantes Haitianos em Porto Velho: o desafio do ensino aprendizagem da Língua Portuguesa

Eduardo Freire Ribeiro

Graduando em Letras Português pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Pâmela Melo de Souza

Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

A vinda e a chegada dos Migrantes Haitianos ao Brasil e a Porto Velho

O movimento migratório haitiano é uma das marcas da identidade cultural daquele povo, ou seja, é próprio dos haitianos migrarem, conhecerem, e adquirirem outros traços de outras culturas ao redor do mundo. O Brasil, recentemente, entrou na trilha migratória dos haitianos. Isso se explica com o fato de que nos anos 2008-2010, o Brasil era visto pela comunidade internacional como um país economicamente estável, pois, enquanto outros países, como toda a União Europeia e os Estados Unidos, enfrentavam uma grave crise econômica, o Governo Federal do Brasil conseguiu manter a economia do país estabilizada e em crescimento, através de medidas fiscais e políticas que ajudaram as empresas nacionais, e as multinacionais que tinham filias no Brasil, a manter a produção e as vendas em alta.

Esse cenário promissor chamou a atenção dos migrantes haitianos, e de outras nacionalidades, fazendo com que os mesmos optassem por vir ao país

buscar empregos e estabilidade financeira, para assim, enviarem quantias em dinheiro às suas famílias, que haviam ficado nos seus países de origem.

Outro fator que reforçou essa vinda dos haitianos ao Brasil foi o abalo sísmico que ocorreu em 2010, destruindo quase por completo a capital Porto Príncipe e diversas outras cidades haitianas. Esse terremoto, além de causar uma grande devastação no país, deixou o Haiti em uma situação de crise ainda pior do que a que aquela nação já enfrentava – o Haiti já era o país mais pobre da América, mesmo antes do terremoto. Tinha-se então uma nação, que já enfrentava crises econômicas e sociais, que agora se encontrava em situação caótica, sem expectativas de se reerguer daquele caos.

Dados esses dois grandes fatores, há outra questão que influenciou bastante na massificação da vinda de migrantes haitianos para o território brasileiro: o fato de o Brasil ser o líder das Missões de Paz no Haiti pela ONU, outro fator de relevância singular, pois com isso, os haitianos adquiriram confiança no governo brasileiro, principalmente, após o mesmo declarar que abriria as fronteiras do País para acolher os refugiados do Haiti após o forte abalo sísmico que o país sofrera (Cotinguiba & Cotinguiba-Pimentel, 2015).

A entrada de haitianos ao Brasil deu-se muito fortemente pelos estados do Acre e do Amazonas, devido às fronteiras que estes fazem com a Bolívia, Colômbia e o Peru, países que fazem parte da rota migratória daqueles que vêm do Haiti. E foi a partir de 2011 que um número ainda mais expressivo de migrantes se concentrava na fronteira do Brasil com os países citados, mais especificamente na cidade de Brasileia, no Acre, onde havia sido instalado um abrigo destinado àqueles que ali chegavam e, posteriormente, iriam se dirigir à cidades que lhes oferecessem emprego e estabilidade financeira.

Muitos dos haitianos que chegavam ao Brasil tinham como destino grandes centros urbanos, devido à oferta de emprego e moradia que eles viam nesses lugares, como as metrópoles da Região Sudeste e Sul do País. E muitos ficavam pelo caminho, pois encontravam cidades que lhes ofereciam o emprego e a moradia que eles procuravam. Uma dessas cidades é Porto Velho, em Rondônia. A cidade de Porto Velho é vista como uma cidade de localização estratégica, economicamente – sendo o principal elo entre a Amazônia e o

restante do Brasil – Porto Velho conta com a “veia” por onde escoava boa parte da produção de soja do país: a BR-364 – BR-319 e, por via fluvial, o Rio Madeira. Além da localização privilegiada, Porto Velho passava por um momento de transformação sem precedentes, a construção de duas grandes usinas hidrelétricas - Santo Antônio e Jirau – o que despertou ainda mais o interesse dos migrantes que passavam pela cidade, pois encontraram, nesse cenário, uma boa oportunidade de se instalarem na cidade e buscarem se estabilizar na mesma.

Os Primeiros Contatos dos Migrantes Haitianos com A Língua Portuguesa do Brasil no MIMCAB

Com a grande oferta de empregos nas usinas do Rio Madeira, um número expressivo de haitianos se instalou no município de Porto Velho. Viu-se então, por parte de entidades que monitoram as migrações e pelo governo local, a necessidade de inserção desses migrantes no meio social porto-velhense, tendo em vista o impacto que já causava na sociedade a chegada de um número expressivo de refugiados ao município.

Ao chegarem a Porto Velho, os migrantes encontram, como ponto de apoio, o Projeto Migrações Internacionais na Amazônia Brasileira e o Projeto de Pesquisa Migrações Memórias e Cultura na Amazônia Brasileira – MIMCAB, que funciona na Escola 21 de Abril, no centro de Porto Velho. No projeto, os migrantes são recebidos pela equipe de pesquisadores e professores que têm o objetivo de inserir os mesmos na sociedade do município, além de prepará-los para o ENEM.

Inicialmente, os haitianos recém-chegados são direcionados às aulas de letramento em Língua Portuguesa do Brasil, na qual os mesmos têm os primeiros contatos com essa língua.

O ensino inicial do Português Brasileiro exige uma abordagem especial, pois observei diferenças relevantes entre a nossa língua e a língua falada pelos migrantes – Crioulo Haitiano. Essas diferenças apresentam-se não somente na escrita e na fala, o Crioulo Haitiano é uma língua próxima da língua francesa,

como também na estrutura fonético-fonológica e gramatical que a língua dos haitianos apresenta.

Em Crioulo Haitiano, o alfabeto fonético difere bastante do alfabeto fonético do Português Brasileiro:

O ensino da gramática da Língua Portuguesa aos Migrantes: o contato com a língua formal

Muitos haitianos procuram o projeto para conhecerem e aprenderem mais sobre a língua portuguesa, buscando a inserção no mercado de trabalho brasileiro. Os mesmos encontram dificuldades no aprendizado da língua portuguesa, devido à diferença fonética e gramatical entre a língua Crioula Haitiana e a Língua Portuguesa do Brasil. Nas aulas ministradas por nós (Pâmela Melo e Carol Lobo), ensinamos verbos em todos os tempos, como eles se conjugam e suas variações. Logo após aplicamos atividades e interpretações de textos, pedimos para que eles repitam o que nós falamos e também para que escrevam no quadro. Após as atividades, solicitamos a participação de todos nas correções das atividades realizadas, fazemos intercalações de textos, para que eles interajam e consigam aperfeiçoar a pronúncia da língua portuguesa. Eles têm muita dificuldade na pronúncia da letra “L” da língua portuguesa e na flexão dos verbos e suas variações quanto às conjugações e à temporalidade. O ensino da gramática portuguesa para os haitianos exige uma metodologia diferenciada, tendo em vista que os verbos em crioulo haitiano não flexionam quanto à pessoa e tempo, diferente dos verbos em língua portuguesa do Brasil, visto que os mesmos flexionam quanto à pessoa e a temporalidade, havendo também flexões distintas entre verbos regulares e irregulares, alterando-se assim, constantemente a terminologia dos verbos da língua portuguesa do Brasil. Enquanto que, na gramática do crioulo haitiano o que se altera na escrita e na fala dos verbos é o acréscimo de uma partícula indicadora do tempo verbal utilizado em situações distintas.

Pale			
Pessoa	Tempo Presente	Tempo Passado	Tempo Futuro
Mwen	Pale	Te pale	Pral pale
Ou	Pale	Te pale	Pral pale
Li	Pale	Te pale	Pral pale
Nou	Pale	Te pale	Pral pale
Nou	Pale	Te pale	Pral pale
Yo	Pale	Te pale	Pral pale

Tabela 1: Pronomes e verbos em *Kreyòl Ayisyen*

Falar			
Pessoa	Tempo Presente	Tempo Passado	Tempo Futuro
Eu	Falo	Falei	Falarei
Tu	Falas	Falaste	Falarás
Ele/Ela	Fala	Falou	Falará
Nós	Falamos	Falamos	Falaremos
Vós	Falais	Falastes	Falareis
Eles/Elas	Falam	Falaram	Falarão

Tabela 2: Pronomes e verbos em português

Percebe-se, nas tabelas acima, as diferenças já citadas entre o Crioulo Haitiano e a Língua Portuguesa do Brasil, no que diz respeito à flexão dos verbos.

Há também outra metodologia, baseada na apostila “Língua Portuguesa para Haitianos (Kou Lang Pòtigè Pou Ayisyen)”, elaborada pela Professora Dr. Marília Pimentel e pelo Professor Ms. Geraldo Cotinguiba. Através dela, seguimos um cronograma por etapas, ensinando aos alunos a construir orações e textos, para a melhor apreensão e aprendizagem da Língua Portuguesa do Brasil.

Na apostila, trabalhamos as classificações gramaticais, e suas flexões, além dos diversos usos e combinações que as palavras têm entre si. De acordo com o decorrer das aulas e o aprendizado dos alunos, seguimos trabalhando

com sentenças mais complexas e orações mais elaboradas, até os mesmos construírem textos curtos.

Nosso planejamento das aulas segue essa metodologia: levar, passo a passo, o aluno a construir sentenças e pequenos textos para que o mesmo possa estabelecer uma boa comunicação oral e escrita com o novo ambiente ao qual ele está inserido. E assim, possibilitar a inserção da comunidade haitiana ao ambiente porto-velhense e, posteriormente, brasileiro.

Referências

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da língua portuguesa. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 48 ed. 2008.

COTINGUIBA, Geraldo Castro, PIMENTEL, Marília Lima. **Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho** In: Revista Travessia revista do migrante. Publicação do CEM, São Paulo, Ano XXV, nº 70, p. 99-106, Janeiro – Junho/2012.

COTINGUIBA, Geraldo Castro, PIMENTEL, Marília Lima. **Deslocamento populacional contemporâneo, língua e história: uma contribuição para os estudos sobre a imigração haitiana para o Brasil**. In. Imigração e imigrantes: uma coletânea interdisciplinar / André Gattaz, Vanessa Paola Rojas Fernandez (organização). – Salvador: Editora Pontocom, p. 181-208, 2015.

Haitian Creole (Kreyòl ayisyen) disponível em: <<http://www.omniglot.com/writing/haitiancreole.htm>>. Acessado em: 25 julho de 2016.

Haitian Grammar. Disponível em: <<http://polymath.org/index.php>>. Acessado em: 25 de julho de 2016.

O ENSINO DE PARÔNIMO E HOMÔNIMO POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA⁵.

Andressa Viana da Silva
(UNIR)
vianex@live.com

Natália Cristine Prado
(UNIR)
natalia.prado@unir.br

Este trabalho é um recorte da pesquisa de TCC em andamento “O ensino de léxico por meio das histórias em quadrinhos: Em busca de uma educação contextualizada.” que tem como objetivo principal desenvolver, no Ensino Fundamental, o ensino de léxico, utilizando histórias em quadrinhos (doravante HQs). Nesta comunicação, será apresentada uma proposta de uso de HQs que tem como finalidade encontrar uma maneira mais contextualizada para ensinar os conceitos de parônimo e homônimo, fugindo do ensino com frases isoladas. Assim, com este trabalho, pretende-se refletir sobre a função das “palavras cheias” quanto ao sentido dentro de um determinado contexto e enquanto unidade de construção coesa e coerente do texto. Os estudos que embasaram este trabalho consideraram o léxico a partir do seguinte ponto de vista:

Convencionou-se chamar de léxico todo o conjunto de palavras de uma língua (dicionarizadas ou não, tidas como cultas ou não, escritas ou faladas) e de *vocabulário* o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, numa determinada situação. (BEZERRA, 2004, p.12)

⁵Trabalho submetido ao “I Colóquio de Pós-Graduação em Letras da Unir: Interculturalidades, Linguagem, Literaturas e Outros Saberes” a ser realizado nos dias 22 a 24 de agosto de 2016 na Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

Dessa forma, foi fundamental entender o que é o léxico para trabalhar com o ensino desse conteúdo. Ainda sobre esse conceito, Antunes(2007, p.42) afirma que se pode entender o léxico como um conjunto de palavras que cada indivíduo possui, em proporções distintas. Sabendo ainda que o vocabulário é um subconjunto que caracteriza o léxico de um determinado grupo de falantes, de acordo com uma situação determinada.

Sendo o ensino do léxico uma das muitas tarefas a ser desenvolvida pela escola, é preciso que seja executada de uma maneira satisfatória e significativa, com a pretensão de desenvolver as competências do alunato. É necessário que o aluno tenha consciência de que conhecer uma palavra significa muito mais que uma mera decodificação; ele tem que passar a perceber a posição em que a palavra se encontra dentro da língua e como a escolha lexical veicula sentidos. Para isso, faz-se necessário refletir acerca de como um termo se relaciona com outros e conhecer também seus vários significados. Portanto, é compromisso do ensino de língua materna trabalhar o vocabulário como um recurso que amplia a competência comunicativa dos aprendizes. É importante que os alunos percebam o aprendizado do léxico como um conteúdo que irá fazer parte de suas vidas, através do uso da língua para objetivos de comunicação.

Entretanto, observou-se que o estudo do léxico acaba sendo, muitas vezes, negligenciado nas aulas de língua portuguesa ou é transmitido de maneira descontextualizada, ou seja, o professor apresenta palavras avulsas e cobra a produção de textos a partir delas. Dessa forma, segundo Antunes (2014, p. 82), “os alunos deixam de ampliar sua competência em relação a como compor ou interpretar textos”

De acordo com Souza (2009), em artigo sobre “O tratamento do léxico nos livros didáticos de Língua Portuguesa”, há trinta anos o ensino do vocabulário em sala de aula é limitado ao item lexical de forma isolada, muitas vezes em frases curtas, normalmente explorando apenas listas com sinônimos e antônimos. Dentro da disseminação da linguística textual, de acordo com Koch (2009), e a divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN, 1997), o estudo do vocabulário vem sendo modificado, considerando-se um estudo que é baseado em textos e não apenas em frases isoladas. Porém, ainda

não se encontram essas práticas nas salas de aula do ensino público (como se notou no estágio de observação I e II). Assim, um trabalho como o que foi proposto, justifica-se, pois é preciso, além de trabalhar as relações semânticas do léxico, atentar também ao funcionamento dos itens lexicais no texto, só assim se construirá uma unidade de sentido, e o aluno será capaz de fazer associações e inferências.

É claro no PCN (1997) que se deve criar meios para contribuir com a expansão lexical dos alunos, para que eles sejam capazes de fazer adequações de termos para cada situação comunicativa. De acordo com Antunes (*apud* PAULIUKONIS, 2005, p.7), “O estudo do vocabulário permite que os alunos ampliem suas opções de dizer as coisas e, dizendo-as de novo de outro modo, desenvolvam as competências comunicativas tão importantes na interação social”. Sendo assim, o grande objetivo do ensino lexical é fazer com que o aluno seja capaz de utilizar adequadamente os vários sentidos das palavras, e também possa perceber a significância do uso de um determinado termo no texto, para um melhor efeito. Percebe-se, assim, que é de fundamental importância que o trabalho com as palavras seja realizado num contexto linguístico natural, afinal, se forem apresentadas de forma isoladas, não serão aprendidas adequadamente.

Tendo em perspectiva esses pontos teóricos a respeito do léxico e do vocabulário, serão utilizadas histórias em quadrinhos para desenvolver uma metodologia que se aplique em uma proposta de ensino contextualizado, que Antunes (2014) recomenda. Utilizou-se da regência supervisionada do ensino fundamental II, para pôr em prática uma ação de ensino lexical através dos quadrinhos, por meio da proposta de leitura, análise e reflexão. Para este trabalho, foram selecionados os alunos do oitavo ano da escola Castelo Branco de Porto Velho. Visando aplicar um programa de estudo do léxico na perspectiva da linguagem como forma de interação, com o interesse de explorar o conhecimento do léxico no desenvolvimento de competências. Para o desenvolvimento dessa metodologia, teve-se a pretensão de explorar, através das aulas (contextualizadas) os conceitos de Parônimo e Homônimo, observando continuamente a construção de sentidos que se pretende expressar a partir das

palavras, bem como, suas funções e efeitos. Em uma das aulas, foram usados de slides e foram apresentadas HQs da turma da Mônica. Nesta exposição, foi introduzida com uma pequena fala que dissertava sobre a importância da palavra e do contexto em que ela se insere. Para ratificar o aprendizado, a classe foi dividida em grupos e todos apresentaram um pequeno texto com palavras Parônimas ou Homônimas.

Observa-se, assim, que o ensino de parônimo e homônimo é mais bem assimilado quando é relacionado com a realidade do aluno, apresentando textos que dialogam satisfatoriamente com o público alvo. A metodologia aplicada encaixa-se nessa descrição por envolver as HQs, que é um gênero muito querido pelos discentes e rico em aspectos linguísticos. As dificuldades na área da educação linguística são conhecidas, de modo que se fazem necessárias renovações no ensino de língua, buscando um ensino contextualizado com a realidade do aluno. É preciso entender que o professor não deve transmitir somente o conteúdo programático, mas sim trabalhar com competências e habilidades dos alunos, visando ampliar o saber. Espera-se que este trabalho tenha contribuído para isso, que ele possa ter sido um exemplo de que é possível, sim, realizar um ensino contextualizado que tenha bons resultados.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**: Limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

_____. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília. 1997.

BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Estudar vocabulário**: como e para quê? Campina Grande: Bagagem, 2004

PAULIUKONIS, Maria Aparecida e GAVAZZI, Sigrid. **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução a Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LÍNGUA MATERNA: POR UM ENSINO DE COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

Andréia de Fátima Pinsan

Mestranda, UNIR

andreia.pinsan@ifro.edu.br

Andreia dos Santos Oliveira

Mestre, IFRO

andreia.oliveira@ifro.edu.br

Andressa Castro Priori de Souza

Mestranda, UNIR

andressa.priori@ifro.edu.br

Grupo de Trabalho: Ensino de Língua Materna.

Resumo: O presente artigo objetivou analisar o livro didático de Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Médio, (*Ser Protagonista*, 2013, Edições SM) adotado pelo Instituto Federal de Rondônia (IFRO) – Campus Ariquemes, para ser utilizado de 2015 a 2017. O foco da análise está em como os autores da referida obra abordam o tema "Variação Linguística". O escrito em pauta é de natureza qualitativa e a análise dos dados foi feita com a realização de análise do conteúdo presente no referido livro didático, "doravante LD". Para tanto, contamos com as teorias sociolinguísticas e com os conceitos que os autores Possenti (1996), Bechara (2007), Bortoni-Ricardo (2014), Alkmin (2011), Bagno (1999; 2013) e Parâmetros Curriculares Nacionais -PCNs - (1998 e 2000) apresentam a respeito das variedades linguísticas no ensino de língua

portuguesa". Mediante análise realizada concluímos que o LD adota uma proposta de ensino que visa propagar a língua como instituição social.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Língua Materna. Livro didático.

Introdução

A sociolinguística é uma ciência que se ramificou da Linguística tornando-se autônoma e interdisciplinar, pois busca explicações para os fenômenos linguísticos em outras áreas como a antropologia, a sociologia, a filologia, entre outras. Teve início no século XX, porém, por volta de 1960, muitos linguistas já estudavam e desenvolviam teorias que levavam em consideração o contexto sociocultural em que a fala era produzida.

O avanço dessa ciência nos possibilitou compreender que a língua é viva e mutante. Assim como a humanidade evolui, a língua também. Portanto, um novo olhar deve ser desenvolvido acerca dos pressupostos teóricos a respeito do tema. Esse olhar mais sensível e atento precisa fazer parte do universo daqueles que exercem a função de pesquisadores e propagadores dessas teorias, em especial, linguistas, gramáticos e professores de Língua Portuguesa.

Baseadas nesses pressupostos elaboramos este trabalho que objetiva analisar o livro didático de Língua Portuguesa, 1º ano do Ensino Médio, (*Ser Protagonista*, Edições SM, 2013) adotado pelo Instituto Federal de Rondônia (IFRO) – Campus Ariquemes, para ser utilizado de 2015 a 2017. O foco da análise está em como os autores da obra abordam o tema "Variação Linguística". O presente escrito é de natureza qualitativa e a análise dos dados foi feita com a realização de análise do conteúdo presente no livro didático. Para tanto, contamos com as teorias sociolinguísticas e com os conceitos que os autores Possenti (1996), Bechara (2007), Bortoni-Ricardo (2014), Alkmin (2011), Bagno (1999; 2013) e PCNs (1998 e 2000) apresentam a respeito das variedades linguísticas no ensino de língua portuguesa".

Materiais e Métodos

A pesquisa utilizou-se da abordagem qualitativa e para fins metodológicos adotou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2002). Para melhor detalhamento estruturou-se o trabalho em cinco categorias de análise, sendo elas: 1. Como o livro didático aborda o tema variação linguística?; 2. Ele deixa claras as definições de variação, variedade, variante, norma padrão e norma culta?; 3. O LD trata o preconceito linguístico?; 4. As atividades propostas se limitam a variações do léxico, de ortografia, de pronúncia e de semântica?; 5. Como o livro didático lida com a variação entre fala e escrita? No entanto, neste trabalho apresentaremos o resultado apenas da primeira categoria citada acima.

Resultados:

Categoria 1: Como o livro didático aborda o tema variação linguística?

Em conformidade com os pressupostos de um ensino de língua pautado na prática efetiva das variedades linguísticas, o aluno deverá além de conhecer as diversas variedades que compõem uma mesma língua, saber utilizá-la de acordo com suas necessidades comunicativas. Como diz Bechara, "a grande missão do professor de língua materna é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação". (BECHARA, 2002, p.14).

O livro didático da coleção "Ser Protagonista" trabalha o tema variação linguística de modo esclarecedor e de acordo com as concepções teóricas que embasam esta pesquisa. Em um primeiro momento, os autores do LD vêm tratando de conceitos e definições acerca do que é linguagem, signo, significante, significado, linguagem verbal, signos linguísticos e língua. Eles se preocupam de antemão, em esclarecer que a língua deve ser entendida como prática social e que são muitas as perspectivas existentes para serem observadas dentro de uma situação comunicativa, tais como: os fatores que determinam a produção de sentido nos mais diversos contextos de comunicação; a maneira como expressamos ou revelamos nossa identidade através da fala; os valores sociais que a língua revela ou esconde, entre outros.

A partir disso é que o livro didático vem abordar as concepções de variação linguística. Introduce o assunto através de um poema de José Paulo Paes "Lisboa: aventuras" (Ser Protagonista, 2013, p.198), revelando algumas particularidades no vocabulário do português falado em Portugal em relação ao do Brasil. Cita também que essas diferenças não se limitam apenas a fala, mas também as construções sintáticas. Na sequência leva os alunos a refletirem sobre as variações na língua falada no Brasil, apontando que cada região, grupo social, faixa etária apresentam um modo particular de pronunciar algumas palavras e expressões.

De maneira geral, podemos perceber que as escolhas dos textos e as construções das atividades estão sempre se conectando, buscando associar um conteúdo a outro, de maneira intertextualizada, por isso o conteúdo de variação linguística não se limita apenas em um determinado capítulo, retomando, sempre que possível, os assuntos já abordados. Tal metodologia privilegia o desenvolvimento crítico reflexivo do aluno a respeito do tema, e de uma concepção mais clara e abrangente sobre a língua.

O fragmento a seguir denota que uma das propostas do LD, talvez a principal, é que os alunos sejam um usuário competente de sua língua:

Fragmento 1 - Fragmento do livro analisado:

[...] Como, de manhã, a pessoa abre o seu guarda-roupa para escolher a roupa adequada aos momentos sociais que ela vai enfrentar durante o dia, assim também, deve existir, na educação linguística, um guarda-roupa linguístico, em que o aluno saiba escolher as modalidades adequadas a falar com gíria, a falar popularmente, a saber entender um colega que veio do Norte ou que veio do Sul, com os seus falares sociais, e que saiba também, nos momentos solenes, usar uma língua exemplar [...].

BECHARA, Evanildo. Conferência à Academia Brasileira de Letras em 4 set. 2000. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/idioma20000704.html>>. Acesso em: 31 out. 2012.

Fonte: (Ser Protagonista, Edições SM, 2013, p.203)

Este fragmento retirado de umas das atividades do LD, demonstra que os autores do LD apresentam uma proposta de ensino de língua materna que prima

pelo uso efetivo e eficiente da linguagem, demonstrando a importância de saber usar a língua(gem) nos mais variados contextos sociais e culturais.

Referências

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**/Marcos Bagno. - São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico. O que é, como se faz.** 51ª edição: março de 2009. Edições LOYOLA, São Paulo, Brasil, 1999.

BAGNO, Marcos. **Educação linguística no Brasil: balanço de uma década (1998-2008).** Revista de Linguagens Boca da Tribo, v.1, n.1, p.158, abr.2009.

BECHARA, Evanildo. **Ensino de gramática: Opressão ou Liberdade?** 11ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

BORTONI - RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**, v.1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, 2006. p.32.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**/Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo. - São Paulo: Parábola, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

Questões ortográficas e fonológicas sobre a “escrita do barulho”⁶

Natália Cristine Prado

UNIR

natalia.prado@unir.br

O objetivo desta pesquisa é investigar onomatopeias a partir dos quadrinhos brasileiros, observando a relação entre fonologia e ortografia que se estabelece na escrita desses vocábulos, que Cagliari (1993, p. 616) chama de “escrita do barulho”. A importância deste estudo reside no fato de que ainda são poucos os trabalhos da área de Linguística que se dedicam a observar, enquanto sistema, a linguagem verbal presente nos quadrinhos, pois, durante muito tempo, foram desconsiderados como objetos de estudos acadêmicos.

De acordo com Vergueiro (2005, p. 17), na década de 1970, muitos estudiosos simplesmente não consideravam dignos de atenção os pesquisadores interessados por histórias em quadrinhos (ou HQs) e, “com isso, colocaram um ponto final no assunto, afirmando que as histórias em quadrinhos definitivamente não pertenciam ao meio acadêmico”. Além disso, segundo Ramos (2012, p. 13), levar histórias em quadrinhos para a sala de aula era algo, até pouco tempo atrás, inaceitável.

Entretanto, atualmente, além de despertarem interesses acadêmicos, os quadrinhos foram incluídos no Parâmetro Curricular Nacional (PCN), sendo bem-vindos em nossas salas de aula e marcando presença constante em provas de vestibulares e concursos. Todavia, podemos dizer que, ainda hoje, são poucos os estudos que realizam análises fonológicas, morfológicas, sintáticas ou lexicais do Português Brasileiro (doravante PB) a partir da linguagem dos quadrinhos.

Dentre os estudos que observam a linguagem dos quadrinhos, há alguns trabalhos (como Eguti, 2001; Passarelli, 2004 e Ramos, 2005) que ressaltam os

⁶ Trabalho submetido ao “I Colóquio de Pós-Graduação em Letras da Unir: Interculturalidades, Linguagem, Literaturas e Outros Saberes” a ser realizado nos dias 22 a 24 de agosto de 2016 na Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

aspectos da oralidade ali representada. Segundo essas pesquisas, sobretudo Eguti (2001), podemos notar que os diversos tipos de quadrinhos são um terreno fértil para a representação da língua falada, bem como dos demais elementos que a constituem como gestos, voz e outros. Ramos (2006, p. 1580) acredita que os quadrinhos simulam as várias características da língua falada, de modo que os balões representam os turnos conversacionais e “o formato das letras e o contorno dos balões indicariam tom de voz mais elevado, mais baixo, a emoção sentida no momento da fala do personagem”.

Levando em consideração o estudo de Eguti (2001), que notou que, no fim dos anos 90, a “Turma da Mônica” apresentava uma fala bastante fiel ao coloquial, acreditamos que seja possível observar nos quadrinhos nacionais algumas tendências atuais do PB, pois, ao simularem a língua oral, os quadrinhos apresentam uma linguagem rica em expressividade e inovação linguística, e tornam-se, assim, um excelente material de estudos para analisar fenômenos linguísticos típicos da fala oral, como adaptações fonológicas de estrangeirismos, gírias, processos morfofonológicos que ocorrem na formação de palavras, processos fonológicos típicos da língua oral (como supressão e fusão de sons), entre outros fatos que podem transparecer a partir da ortografia flexível e informal dos quadrinhos atuais.

Com relação à metodologia, para esse trabalho, foram observadas, a partir das revistas “Turma da Mônica” (*Mônica 11, Cebolinha 11, Magali 11, Cascão 11, Chico Bento 11 e Turma da Mônica 11*), 60 histórias em quadrinhos e coletadas 162 onomatopeias. Como são muitas palavras, no quadro 1, abaixo, podemos ver apenas uma amostra dos vocábulos coletados e a maneira como se dá a organização das onomatopeias em nosso estudo.

ONOMATOPEIAS		
Itens e variantes ortográficas	Ocorrências/publicação	Referência; contexto
Arf	15/ CHICO BENTO 11 , p. 48; 49; 50; 59; 62	Som de respiração por esforço físico

Blllr	1/ CEBOLINHA 11 , p. 57	Som de personagens tremendo de frio
Bmfff (bmmfff)	2/ CEBOLINHA 11 , p. 45	Irritação
Nham	1/ TURMA DA MÔNICA 11 , p. 22	Som de personagem salivando
Pinc	1/ MAGALI 11 , p. 10	Som de cutucão

Quadro 1 - Amostra de vocábulos coletados

Como se pode notar, o quadro está organizado em três colunas, sendo que na primeira coluna colocamos as onomatopeias e suas variantes ortográficas, na segunda coluna organizamos o número de ocorrências por publicação, apontando o número das páginas em que estão e, por fim, na terceira estão apontadas as referências de sentido e de contexto.

Após a coleta das onomatopeias, passamos à análise sobre a relação entre fonologia e ortografia. Como nosso estudo se propõe a observar onomatopeias, fez-se necessário, primeiramente, rever algumas definições clássicas para esse termo. Alves (1990), por exemplo, classifica onomatopeia como sendo um tipo de neologismo fonológico, que pressupõe a “criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente” (ALVES, 1990, p. 11). A estudiosa reforça que “a formação de palavras onomatopaicas não é totalmente arbitrária, já que ela se baseia numa relação, ainda que imprecisa, entre a unidade léxica criada e certos ruídos ou gritos (ALVES, 1990, p.12)”. Para ela esse recurso procura reproduzir um som, o que “impossibilita que seu significante seja imotivado” (ALVES, 1990, p. 12). Embora as reflexões da autora sejam válidas, essa explicação, que afirma que uma palavra onomatopaica é criada a partir de “ruídos ou gritos”, não nos parece ideal.

Já Sandmann (1997, p. 22) acredita que a formação de onomatopeias é um recurso marginal da língua, que ele chama de “criação do nada”. Esse termo usado pelo autor nos parece ainda menos adequado, afinal esse tipo de formação de palavras envolve a mimetização de sons do mundo apoiando-se

nas possibilidades fonológicas de uma língua. Assim, essas criações não surgem “do nada” e, sim, pelas opções fonológicas do idioma; por isso, a definição de Alves (1990), apresentada anteriormente, mesmo sem ser a ideal, mostra-se mais adequada do que a definição deste autor.

Cagliari (1993, p. 616), que também analisou as onomatopeias de diversos quadrinhos, acredita que a escrita dessas palavras, “apresenta questões interessantes não só graficamente, como também para a ortografia e até para a gramática de uma língua”. Pudemos observar, neste estudo, que a escrita das onomatopeias passa por um processo de estilização da ortografia – muitas vezes com o intuito de trazer elementos prosódicos para o vocábulo, como, por exemplo, volume e duração, como nas onomatopeias que representam gritos “Ahhhhh” ou “aaaahhhh”, em que a repetição de letras pode indicar a duração desses gritos.

Outro fato interessante é que as onomatopeias podem apresentar, inclusive, sequências que, apesar de permitidas pelo molde silábico da língua portuguesa (COLLISCHONN, 2005 [1996], p. 120), acabam restritas a poucos usos, como a sequência de *onset* /vl/, encontrada em nomes próprios como *Vladmir*, /tl/, que ocorre na palavra *atlas* e seus derivados, e /dl/ presente apenas em siglas, como em DLA (Departamento de Linguística Aplicada). Esses grupos, com uso restrito com PB, podem ser facilmente encontrados nas onomatopeias como podemos observar nos vocábulos *tlim* e *dlin*, *dlon*. Além disso, em posição inicial de palavra, em PB não ocorre /ɲ/ e /ʎ/, de modo que só encontramos estes segmentos nesta posição em palavras emprestadas de outras línguas, como, por exemplo, *lhama* e *nhoque*. Entretanto, é possível encontrar esses sons no início de palavras onomatopaicas, como podemos ver na onomatopeia que representa o som de uma mordida *nhect* e na que representa o som de uma pessoa salivando *nham*. Também é possível notar onomatopeias ortograficamente formadas sem vogais, como *Bmfff*, que indica irritação. Esse tipo de vocábulo desafia o padrão silábico e ortográfico do PB, que não permite sílabas sem vogais.

Os quadrinhos são um terreno fértil para pesquisas linguísticas. Com essa investigação, esperamos colaborar para a compreensão da relação entre ortografia e fonologia nas onomatopeias dos quadrinhos nacionais

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, L. C. A escrita do barulho. In: **Estudos Linguísticos - Anais de seminários do GEL**. v. 22. São Paulo, Instituição Moura Lacerda, 1993. p. 615-622.
- CASCÃO. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.
- CEBOLINHA. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.
- CHICO BENTO. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4ª. ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 2005. p. 101-133. [1ª. ed. em 1996].
- EGUTI, C. A. **A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos**. 198 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MAGALI. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.
- MÔNICA. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.
- PASSARELLI, L. G. Os quadrinhos na educação lingüística: história, teoria e prática. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). **Língua Portuguesa em calidoscópio**. São Paulo: EDUC, 2004. p. 47-59.
- RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2012.
- RAMOS, P. **Histórias em quadrinhos: um novo objeto de estudos**. Estudos Lingüísticos XXXV. 2006. p. 1574-1583.
- RAMOS, P. Piadas e tiras em quadrinhos: a oralidade presente nos textos de humor. **Estudos Lingüísticos XXXI**. 2005. p. 1158-1163.
- TURMA DA MÔNICA. São Paulo: Panini Comics, nº. 11, março 2016.
- VERGUEIRO, W. A pesquisa em quadrinhos no Brasil: a contribuição da universidade. In: LUYTEN, Sonia Bibe (org.). *Cultura pop japonesa*. São Paulo: Hedra, 2005b. p. 15-26.

Teoria e análise literária;

Além do quintal: Varal de Celso Braga⁷

Ludimila Godoi Navarrete

Graduada em Letras
Escola de Governo do Estado/RO
ludimilanaavarrete@hotmail.com

Grupo de Trabalho/ Eixo Temático: Teoria e Análise Literária

Resumo: Este trabalho tem como objetivo expor a importância da leitura de poetas da Amazônia, sobretudo por meio de uma apreciação de textos de Celso Braga, a fim de compreender um pouco mais sobre questões a respeito do nosso regionalismo e o quanto a poética pode se tornar um grito pela defesa da floresta, bem como em favor da cultura cabocla.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Poesia. Cultura.

O século XX nos mostrou que louvações inconsequentes sobre a própria terra levou a nacionalismos sempre a serviço do que pior tivemos naquele período, como, por exemplo, ditaduras militares na América Latina, nazismo, fascismo, colonialismos, além de fracassadas tentativas de se implantar o socialismo. Tudo isso sempre veio revestido pelo invólucro do amor à pátria, o que inclui, paradoxalmente, milhares de inúteis mortes sangrentas e guerras que mais escravizaram do que libertaram povos.

⁷ Trabalho submetido ao “I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES E I COLÓQUIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UNIR” a ser realizado nos dias 22 a 24 de agosto de 2016 na Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.

É no contexto de tal constatação que nos é apresentada a obra de um poeta de nome simples e curto: Celdo Braga. Este é um poeta que, em suas letras muitas vezes confessa, quer cantar sua gente e sua terra, o Amazonas. Ou devemos dizer, a Amazônia. Muito além da fronteira entre estados, está um sentimento de pertencimento que ele compartilha com a gente da Amazônia. Seu poema “Filhos da amazônia” (assim mesmo, com letra minúscula, com a ousadia e simplicidade própria dos poetas) é uma demonstração do seu sentimento de fraternidade, “eu gosto do Amazonas, também gosto do Pará” (2010, p. 52). Verso simples e prosaico, mas que marca uma posição firme de poeta da Amazônia comprometido acima de tudo com uma integração cultural com os povos da região, deixando entender que a arte além de encantamento, transmite o conhecimento do povo, sua identificação com a terra, o que fica explícito ao final do poema:

Somos filhos da Amazônia
Mesmo céu e mesmo chão.
Quem tolda o rio que navega,
Bebe o mar da solidão.
(BRAGA, p. 16, 2010).

O falar da terra em Celdo Braga não está a serviço de governos e de ideologias de quem a domina. Como bom poeta que canta a floresta, Braga é tributário de Thiago de Mello, ou para usar uma expressão do crítico literário Wilson Martins, Braga é da mesma família cósmica. O poema “Amazonas” faz referência ao rio e é dedicado ao poeta de *Faz Escuro Mas eu Canto*. Como um rio de águas intermináveis, o Amazonas suscita um incontável número de metáforas ao poeta que nele navega. O poema de Celdo é generoso em reconhecer no rio uma fonte vida,

Quantas vezes este rio
Brincou comigo de pira
Lavou roupa nas beiradas
Foi a fonte do meu pão.
(BRAGA, 2010, p. 19).

Assim é o rio que “acende memórias, de lendas e encantamentos, fragmentos de mistérios que borbulham no seu leito” (BRAGA, 2010, p. 20). Encantador é o poeta que canta a natureza amazônica, não de forma piegas ou

xenófoba, mas como expressão mais íntima de sua cultura e de seu modo de vida.

E vai além, a poesia da natureza em Celdo Braga é, antes de tudo, humana. Seu fazer poético está a serviço da sua gente, como é possível perceber em poemas como “Identidade”, “Ser caboclo” ou “Ser cabocla” – este último, inclusive, com um marcante posicionamento em relação à igualdade entre os gêneros:

Não sou submissa como muitos pensam
nem do tipo à-toa que não sabe o que quer.
Sou gente que luta, que sonha, que ama,
sobretudo que sabe o que é ser – mulher!
(BRAGA, p. 49, 2010).

A mulher cabocla de Celdo se impõe, rompendo com os estereótipos e sexismos. Para um poema do “ser caboclo”, há logo em seguida outro, “ser cabocla”. Lado a lado, sugerindo igual importância para ambos os sexos.

Há muito que se falar da poesia de Celdo Braga. Mas o que mais chama a atenção em seus versos é sua simplicidade generosa em relação ao lugar em que vive. Se, para João de Jesus Paes Loureiro (2008, p.132), outro poeta da mesma família cósmica, identidade transforma-se em identificações. O fazer poético de Celdo é um rio imenso por onde navegam de bubuia sua floresta, sua gente, suas histórias, enfim, tudo que é, em última instância, um conjunto de identificações da mais genuína cultura amazônica. Para ele, o Amazonas tem a dimensão infinita daquilo que sacralizamos quando doamos a vida a uma causa.

Sou devoto do Amazonas,
cada palmo deste chão
tem dimensão de sagrado
Em momentos de oração.
(BRAGA, p. 16, 2010).

Como dito no início, nacionalismos podem ser o que há de pior na condição humana quando remetem a uma ideia de superioridade entre os povos. Contudo, falar com amor e devoção das coisas que nos rodeiam e que justificam a própria existência, como faz Celdo Braga em *Varal*, é expressão sólida de uma cultura que não se pretende superior nem inferior, apenas reivindica, por intermédio da voz de poeta, seu espaço e seu valor como um morador que conta

sobre as belezas de sua terra, valorizando-a e transcendendo significações. Em “Manaus Morena” temos o seguinte verso:

Vestida de seda ou vestida de chita
Manaus é bonita, vaidosa cunhã
Tem lá seus defeitos, enfim é humana
Cidade do hoje e do meu amanhã.
(BRAGA, p. 35, 2010).

Assim, percebemos que os valores criados estão, além da simples criação feita pelo poeta, envoltos por todo o cultivo de amor e vivência plena de suas experiências locais. Reúne o real e sua objetividade com o imaginário e sua arte de sonhar, poetizando a realidade, transformando em arte a vida cotidiana.

BIBLIOGRAFIA

BRAGA, Celdo. **Varal: sonhos ao sol**. Manaus: Reggo Edições, 2010.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo:Escrituras, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário**. São Paulo:Escrituras, 2001.